

A IDENTIFICAÇÃO NARCÍSICA COM O OBJETO PERDIDO E A DESTRUIÇÃO DO EU¹

SILVA^I, Edilaine,
VERÍSSIMO^{II}, Danilo Saretta

Resumo

Objetiva-se, no presente texto, realizar uma exposição teórica sobre a concepção freudiana de melancolia apresentada em *Luto e melancolia* (1917/2012b). Para tal, oferece-se ao leitor uma breve recuperação histórica acerca da escrita e da publicação do ensaio em questão, dando especial destaque ao período da elaboração do projeto de metapsicologia construído por Freud. Em seguida, discutem-se os principais elementos apontados por Freud como característicos da afecção melancólica: identificação narcísica, ambivalência e sadismo. Trata-se, portanto, de um ensaio teórico-conceitual em psicanálise. A partir de obras discutidas ao longo do texto, busca-se evidenciar que o estudo acerca do ensaio *Luto e melancolia* possibilita a compreensão de importantes processos psíquicos inconscientes, evidenciando que na melancolia há um intenso conflito entre os componentes ideais do Eu e as exigências do Supereu na relação com o Eu. Entende-se que o estudo acerca do conceito de melancolia elaborado por Freud, promove a recuperação de formulações essenciais para a história do movimento psicanalítico.

Palavras-chave: Freud, Sigmund (1856-1939); Melancolia; Identificação; Inconsciente; Teoria Psicanalítica.

THE NARCISSISTIC IDENTIFICATION SUCH AS LOST OBJECT AND THE EGO DESTRUCTION

Abstract

The aim of this study is to conduct a theoretical exposition about freudian conception of melancholy presented in *Mourning & Melancholy* (1917/2012b). Here, is provided to the reader a brief historical recovery about the writing and publication of the respective essay with special emphasis to the time of project's elaboration of metapsychology built by Freud. The main elements pointed out by Freud such as melancholic affection: narcissistic identification, ambivalence and sadism are discussed. Therefore, this article is a theoretical-conceptual essay in psychoanalysis. Based on literary works discussed along to text, it is sought to evidence the study of the *Mourning & Melancholy* essay enables the

¹ **Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, bolsa de Iniciação Científica, processo nº 2020/03578-7.

understanding of relevant unconscious psychic processes, evidencing that in the melancholy there is an intense conflict between ideal components of the Ego and requirements of the Superego related with the Ego. We understand that the study about the melancholy's concept by Freud promotes the recovery of essential formulations for the history of psychoanalytic movement.

Keywords: *Freud, Sigmund (1856-1939); Melancholy; Identification; Unconscious; Psychoanalytic Theory.*

LA IDENTIFICACIÓN NARCISISTA COMO EL OBJETO PERDIDO Y LA DESTRUCCIÓN DEL YO

Resumen

El objetivo del presente texto es realizar una exposición teórica de la concepción freudiana de la melancolía presentada en Luto y melancolía (1917/2012b). Una corta revisión histórica de la escrita y publicación de la obra es propuesta para el lector, centrándose en el periodo de la elaboración del proyecto de metapsicología idealizado y construido por Freud. Los principales elementos de la melancolía señalados por Freud son discutidos, son ellos: identificación narcisista, ambivalencia y sadismo. Basado en estudios discutidos anteriormente en el texto, nosotros defendemos la hipótesis que el análisis del discurso melancólico hace posible la comprensión de los procesos psíquicos inconscientes, evidenciando un intenso conflicto entre lo Yo y Superyó. Nosotros comprendemos que el estudio de la idea de melancolía elaborada por Freud hace posible la recuperación de importantes formulaciones para la historia del movimiento psicoanalítico.

Palabras clave: *Freud, Sigmund (1856-1939); Melancolía; Identificación; Inconsciente; Teoría Psicoanalítica.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, realiza-se uma análise teórico-conceitual acerca da concepção freudiana de melancolia exposta no ensaio *Luto e melancolia*, escrito em 1915 e publicado em 1917. Pretende-se evidenciar a relevância que os processos inconscientes possuem para o estabelecimento da melancólica, notadamente os processos de introjeção e de identificação narcísica com o objeto perdido. Destaca-se a presença dos sentimentos de ambivalência - amor e ódio, característicos da fase oral-canibalesca - e das manifestações sádicas

encontradas na melancolia. Após o processo inconsciente de identificação narcísica com o objeto perdido, ocorreria uma cisão egoica, na qual se instala uma instância crítica que ataca cruelmente o Eu modificado pela identificação (Freud, 1917/2012b). Alicerçados nos processos de introjeção e identificação narcísica, os sentimentos ambivalentes e os impulsos sádicos retornam ao Eu, fazendo com que o sujeito trate a si mesmo como se fosse o objeto perdido (Freud, 1917/2012b). Pode-se afirmar que a melancolia se dispõe em uma tensão entre os componentes ideais do Eu e as exigências do Supereu na relação com o Eu, o que possivelmente agrava as acusações e cobranças que o melancólico dispara contra si mesmo. Em *Neurose e Psicose*, Freud (1924/2016a) define a melancolia como um conflito entre o Eu e o Supereu, destacando-a das neuroses de transferência e das psicoses. No mesmo texto, indica que a melancolia é uma psicopatologia típica da neurose narcísica (Teixeira, 2007).

A exposição do presente trabalho inicia-se com uma contextualização da escrita e publicação do ensaio *Luto e melancolia*, situando-o no interior da obra freudiana, especialmente no período da elaboração do projeto de metapsicologia. Em um segundo momento, realiza-se uma breve exposição dos principais argumentos apresentados por Freud (1917/2012b) na caracterização da melancolia. Em seguida, empreende-se uma discussão acerca dos elementos que compõem a melancolia, sublinhando a importância do discurso autorrecrematório para a compreensão dos processos inconscientes. Por fim, apresenta-se uma breve exposição sobre a tensão entre os componentes ideais do Eu e as exigências do Supereu em relação ao Eu, encontrada na melancolia.

3

DESENVOLVIMENTO

Considerações preliminares para uma metapsicologia

Luto e melancolia, ensaio de grande relevância na obra freudiana, integra um projeto idealizado pelo psicanalista vienense entre os anos 1914 e 1915. Tal empreendimento foi nomeado como *Preliminares para uma metapsicologia*. O biógrafo Peter Gay (2012), em seu livro *Freud: uma vida para o nosso tempo*, apresenta os indícios que nos permitem acompanhar o caminho que Freud percorreu para construir o seu projeto.

Em uma de suas correspondências com Lou Andreas-Salomé, amiga e grande contribuidora para o desenvolvimento da psicanálise, datada de janeiro de 1914, Freud dizia que estava ocupado “em segredo” com “coisas abrangentes e talvez importantes” (Gay, 2012, p. 367), indicando que nesse momento começava a idealizar o projeto. Em dezembro do mesmo ano, em carta a Abraham, o psicanalista afirma que “(...) caso o desânimo não acabasse por arruinar sua disposição para o trabalho, poderia ‘aprontar uma teoria das neuroses com capítulos sobre as vicissitudes das pulsões, da repressão e do inconsciente’” (Gay, 2012, p. 367). Um mês depois escreve a Lou “(...) que sua ‘descrição do narcisismo’ iria ‘algum dia’ ser chamada de ‘metapsicológica’” (Gay, 2012, p. 367-368). O termo aqui

empregado por Freud, *metapsicologia*, designa uma psicologia que aborda o sistema psíquico a partir de três perspectivas: a dinâmica, a topográfica e a econômica. A primeira diz respeito aos conflitos existentes na comunicação entre o sistema consciente e o sistema inconsciente, bem como às forças representadas por pulsões e repressões. A perspectiva topográfica, por sua vez, identifica os diferentes domínios do sistema psíquico, dos quais a consciência e o inconsciente são os que ligam os diferentes processos psíquicos. O ponto econômico indica as quantificações e as intensidades das energias mentais. Acerca da metapsicologia, Peter Gay (2012, p. 369) afirma que,

Como Freud havia dito a Fliess em março de 1898, a metapsicologia pretendia explicar aquela parte de sua psicologia que ia além, ou, como ele colocava, “por trás” da consciência. Obviamente, sua intenção era a de que o termo tivesse uma força polêmica: a metapsicologia devia enfrentar e vencer aquele grandioso e vazio devaneio filosófico, a metafísica. (...). A metapsicologia, escreveu em dezembro de 1896, era sua “cria” e problemática”. Mas no começo de 1915, igualmente ideal, mas não mais tão problemática, e nesse contexto não mais uma pequena cria, a metapsicologia parecia pronta para uma apresentação formal e definitiva. O livro, escreveu Freud a Abraham em maio, se chamaria *Ensaio preparatório para a metapsicologia*, e ele o ofereceria “a um mundo incompreensível em tempos mais calmos”.

4

No início de 1915, Freud começa, efetivamente, a construção dos doze artigos que dariam corpo ao livro de metapsicologia. Em carta para Ferenczi, datada de fevereiro, Freud pedia ao amigo que “(...) encaminhasse sua ‘página sobre melancolia diretamente a Abraham’” (Gay, 2012, p. 368), oferecendo indícios de que o livro teria um capítulo sobre a melancolia. No período de construção do projeto metapsicológico, Freud trocou correspondências com seus companheiros mais próximos comentando o andamento de seus trabalhos, além de compartilhar as dificuldades e precariedades impostas pela Primeira Grande Guerra (Gay, 2012).

Como observa Gay (2012, p. 369), no título do projeto “Ensaio preparatório para a metapsicologia”, Freud revela uma certa hesitação. O trabalho não é situado como conclusivo ou determinante para a psicanálise, mas, sim, como algo próximo a uma introdução para trabalhos maiores que poderiam advir a partir deste que seria o primeiro passo. Freud “(...) tinha uma vaga ideia de que o livro em via de conclusão representava tanto um novo ponto de partida quanto um retorno a teorizações passadas. Poderia ser obsoleto no momento em que fosse publicado” (Gay, 2012, p. 369). Na primavera de 1916, Freud, em carta para Lou Andreas-Salomé, diz que o livro “(...) não pode ser impresso antes do final da guerra” (Gay, 2012, p. 378). A realidade da destruição, das perdas e das mortes impostas pela guerra levava-o a refletir sobre seu próprio fim. É nesse momento que, curiosamente, ele projeta a sua morte para os próximos dois anos (Gay, 2012). Não se sabe ao certo em que Freud se ancorou para determinar tal previsão, mas se pode postular que a

imprevisibilidade das consequências da guerra pode ter colaborado para o seu pressentimento funesto. Nesse período, a perda e a morte eram temas discutidos e pensados na vida social e individual dos cidadãos da época. É justamente nesse momento histórico que Freud escreve *Luto e melancolia* (1917/2012b). Nesse sentido, “(...) *Luto e melancolia* apresenta a riqueza de refletir ao mesmo tempo um momento histórico da humanidade e do indivíduo” (Peres, 2012, p. 110).

Apesar de ter sido publicado apenas no final do ano de 1917, tem-se notícias de que o texto já estava pronto em 1915, sendo um dos capítulos do livro sobre a metapsicologia. Edler (2018) indica que entre 1914 e 1915 Freud conversara com Abraham, através de correspondências, acerca da melancolia, e enviara ao amigo rascunhos do que viria a ser *Luto e melancolia*, recebendo de volta contribuições importantes para entender a etiologia da afecção melancólica. Foi Abraham que chamou a atenção de Freud sobre a origem primitiva da melancolia e associou “(...) a melancolia à fase oral do desenvolvimento humano” (Edler, 2018, p. 25). O ensaio em questão aponta para um aprofundamento teórico e para as futuras conceituações que viriam a ser essenciais para a história da psicanálise e para a clínica psicanalítica. Como aponta Peter Gay (2012), “Talvez mais do que qualquer outro texto de Freud nesses anos, e sob esse aspecto rivalizando com ‘Sobre o narcisismo’, esse ensaio aponta para a revisão de seu pensamento que viria a empreender depois da guerra” (p. 378).

5

Nesse período, Freud inicia uma revisão sobre sua produção teórica na qual realiza uma síntese e um aprofundamento de conceitos fundamentais, tais como inconsciente, narcisismo, pulsão e, além disso, esquematiza o funcionamento do psiquismo e descreve suas defesas. Também é nesse momento que Freud, em resposta à Jung, reafirma sua posição teórica e clínica acerca do aspecto constituinte da sexualidade no desenvolvimento do psiquismo humano (Garcia-Roza, 2008). O projeto metapsicológico, portanto, concretiza concepções que estruturam a primeira tópica e oferece abertura para novas construções que, posteriormente, dão luz à segunda tópica.

No mesmo ano em que publica *Luto e melancolia*, Freud apresenta ao público outro texto, intitulado *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917/2010d). Depois disso silencia novamente e, dessa vez, sem volta. Os sete capítulos restantes, todos prontos, não foram publicados por Freud. Em carta a Ferenczi, datada de novembro de 1917, diz que o restante “(...) merecia ser suprimido e silenciado: *Der Rest darf verschwiegen werden*” (Gay, 2012, 379). Frente à insistência da amiga Lou Andreas-Salomé para que publicasse todos os ensaios, Freud responde que “(...) não era apenas o cansaço que o detinha, mas ‘também outras indicações’” (Gay, 2012, p. 379). Não sabemos quais eram exatamente essas “outras indicações”, mas foram determinantes para que Freud não publicasse os capítulos restantes de seu projeto.

Em 1983, para a surpresa da comunidade psicanalítica, um dos artigos do projeto foi encontrado entre as correspondências de Freud e Ferenczi. Seria o décimo segundo artigo, intitulado *Visão geral das neuroses de transferência* (Freud, 1987). Dos sete artigos perdidos

ou destruídos, esse foi o único recuperado. Foi publicado em 1985, setenta anos após ter sido escrito (Garcia-Roza, 2008). Nos trabalhos que se seguiram a 1915, podem-se encontrar referências que nos levam a supor que os temas abordados por Freud nos outros seis ensaios metapsicológicos concentram-se nos seguintes temas: Consciência; Angústia; Histeria de conversão; Neurose Obsessiva; Neuroses de transferência; Sublimação; Projeção (ou Paranoia).

O ensaio *Luto e melancolia* (1917)

Os doze ensaios que compõem originalmente o projeto de metapsicologia foram pensados e construídos com o objetivo de explicar e amarrar as elaborações metapsicológicas empreendidas até aquele momento. Logo, considerar-se-á que o conteúdo apresentado em *Luto e melancolia* (1917/2012b) está diretamente relacionado com obras que antecedem e integram o projeto metapsicológico freudiano. Portanto, a caracterização que Freud formula acerca da melancolia, refere-se a um momento teórico específico de sua obra. Convém, neste momento, apresentar os elementos que formam a afecção melancólica descrita por Freud no ensaio em questão.

Em *Luto e melancolia* (1917/2012b), Freud apresenta dois processos suscitados pela perda: o luto e a melancolia. Enquanto o luto é causado por uma perda ou morte real, a melancolia se desdobra a partir de uma perda no ideal, mais especificamente, no inconsciente (Freud, 1917/2012b; Edler, 2018). Ainda que essa perda esteja vinculada a uma perda real, por morte ou abandono, por exemplo, o melancólico não consegue dizer o que foi perdido com o objeto (Freud, 1917/2012b; Kehl, 2012). Por ser uma perda implicada em processos inconscientes, o sujeito não consegue realizar a elaboração da perda, processo que o faria retomar seus investimentos no mundo externo. A consequência dessa impossibilidade sofrida pelo sujeito é o enorme empobrecimento egoico, indicando não uma perda objetual, mas uma perda no Eu. Freud (1917/2012b) afirma: “No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio Eu” (p. 53).

A melancolia “(...) se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento de autoestima” (Freud, 1917/2012b, p. 47). Todas essas manifestações observadas no melancólico também se encontram entre os enlutados, exceto o rebaixamento de autoestima, elemento que diferencia o luto da melancolia. Os enlutados não conseguem se dedicar e direcionar seus investimentos para o mundo externo, tendo em vista que o objeto não se encontra mais neste espaço. No luto, o mundo é percebido como um lugar empobrecido e que não chama a atenção sem as referências ao objeto amado. Na verdade, as referências existentes evidenciam, justamente, a sua partida. O sujeito enlutado perde o interesse em investir naquilo que não tem “(...) relação com a memória do morto” (Freud, 1917/2012b, p. 47).

Freud, em *Luto e melancolia* (1917/2012b), define a melancolia como uma neurose narcísica, visto que o movimento libidinal encontrado no processo da melancolia é de retorno ao Eu. Posteriormente, em *Neurose e Psicose* (1924/2016a), indica que a melancolia é uma neurose narcísica, separada das psicoses e das neuroses de transferência, justamente por estar marcada por um conflito entre Eu e Supereu. A questão sobre o conflito entre os elementos ideais do Eu e as exigências do Supereu é abordada de forma aprofundada nos artigos da década de 20 e 30. No entanto, *Luto e melancolia* (1917/2012b) é um trabalho que oferece um ponto de partida para compreender esse conflito, especialmente por apresentar a instância crítica que, em 1923, foi reformulada como Supereu (Quinodoz, 2007).

Ao oferecer uma estrutura própria à melancolia, ou seja, defini-la como uma neurose narcísica, Freud demarca uma diferença em relação a um processo de luto comum. Enquanto no luto o sujeito realiza um trabalho de saúde psíquica (Kehl, 2012), de elaboração da perda, que possibilita o retorno paulatino de investimento libidinal nos objetos do mundo, na melancolia o investimento é voltado para o interior do Eu. O sujeito melancólico, frente a uma perda ou conflito na relação com o objeto, regride para a fase oral-canibalesca do desenvolvimento infantil, na qual predominam elementos sádicos e ambivalentes (Freud, 1917/2012b). Através dos processos de introjeção e de identificação narcísica, o objeto perdido é conduzido para o interior do Eu, retornando toda a libido objetal para a instância egoica. Como consequência da identificação narcísica com o objeto perdido, ocorre uma modificação no Eu, no qual a diferença entre Eu e Objeto é anulada. Além disso, por conta da introjeção e da identificação com o objeto perdido, a instância crítica, somada aos impulsos hostis provindos da ambivalência e do sadismo, ataca o Eu de forma rigorosa, tratando-o como objeto (Freud, 1917/2012b). Forma-se, portanto, um processo inconsciente de ataque ao Eu a partir da identificação narcísica com o objeto perdido (Edler, 2018). Para Freud (1917/2012b), o sujeito chega à tentativa de suicídio somente quando passa a tratar-se como objeto.

O empobrecimento egoico, advindo dos processos de introjeção e de identificação narcísica com o objeto perdido, pode ser observado através do discurso autorecrimatório apresentado pelo melancólico, e no qual este se acusa como indigno de qualquer consideração. De acordo com Freud (1917/2012b), esse discurso é oriundo do enorme rebaixamento de autoestima² presente na afecção melancólica, diferenciando-a do luto. Esse rebaixamento de autoestima “(...) se expressa em autorrecreminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (Freud, 1917/2012b, p. 47).

² Sobre a questão da autoestima, a tradutora do texto, Marilene Carone (2012), anota: “*Selbstgefühl* (autoestima) literalmente significa sentimento de si, convicção do próprio valor e poder. Com *Selbstgefühl* começa neste texto toda uma série de termos com prefixo *selbst*, em geral traduzidos pelo prefixo auto em português. Assim, por exemplo: (...) *selbstmord* (suicídio, literalmente autoassassinato). (...) Nesse sentido, o prefixo *selbst* corresponderia em português à partícula apassivadora ‘se’: torturar-se, punir-se etc” (p. 46).

Acerca dessa questão, Marilene Carone (2012) afirma que, quando o sujeito melancólico se queixa, em verdade, está dando queixa³, ou seja, está acusando o objeto perdido identificado no Eu. Além dessas (auto) acusações, a afecção melancólica destaca-se por mais dois elementos, quais sejam, o sentimento de ambivalência e a manifestação sádica. A ambivalência é caracterizada por Freud (1917/2012b, 1913/2012a) como o direcionamento de sentimentos hostis e afetuosos para o mesmo objeto, resultado de um conflito entre o desejo de possuí-lo (ou de fazer algo com ele) e, ao mesmo tempo, de testá-lo e destruí-lo. O sadismo, por sua vez, é entendido como uma posição em que o sujeito se coloca em posição de poder diante de outra pessoa, encarando-a e tratando-a como objeto. Tanto a ambivalência quanto o sadismo, são predominantes na fase oral-canibalesca, para a qual o sujeito melancólico regride (Freud, 1917/2012b). Devido ao processo de identificação narcísica, o sujeito retorna para o próprio Eu os sentimentos hostis que seriam direcionados ao objeto perdido, apresentando um discurso e um comportamento autodestrutivos. Na melancolia, portanto, o sadismo que retorna ao eu é da ordem do masoquismo, visto que o ataque ao eu, que em verdade é direcionado de maneira sádica ao objeto perdido, gera, ao melancólico, uma satisfação libidinal, transformando-se em uma satisfação masoquista. Nesse sentido, “satisfações sádicas e masoquistas se encontram presentes e alimentadas pelos pares de opostos: amor e ódio” (Clara, 2007, p. 138).

No início do ensaio, Freud (1917/2012b) assinala que os esforços teóricos empreendidos naquela obra não poderiam ser lidos enquanto formulações conclusivas, tendo em vista o pequeno número de pacientes melancólicos analisados até aquele momento. No entanto, “(...) ainda que tenha nos advertido de sua renúncia a ‘reivindicar validade universal’ para as hipóteses e conclusões que apresenta em *Luto e melancolia*, a posteridade irá invalidar sua renúncia” (Peres, 2012, p. 114), posto que o ensaio em questão oferece contribuições teóricas e clínicas de suma importância para a compreensão não apenas da melancolia, mas, também, para o entendimento dos processos inconscientes de modo geral.

Na sequência, discutem-se mais pormenorizadamente os elementos que compõem a melancolia e os sintomas decorrentes de sua instalação. Será necessário recorrer a outras obras freudianas: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Totem e tabu* (1913), *Introdução ao narcisismo* (1914), *Psicologia de massas e análise do Eu* (1921) e *Neurose e Psicose* (1924).

³ Vale, novamente, recorrer às considerações de Marilene Carone (2012) em torno da tradução do texto freudiano: “‘*Ihre klage sind Anklagen*’ (literalmente: suas queixas são acusações). Há aqui um jogo de palavras que procuramos conservar: *Klage* significa queixa, no sentido genérico, e *Anklage* significa queixa no sentido jurídico-policial (dar queixa, por exemplo), ou seja, no sentido de acusação pública” (p. 58).

O discurso autorrecriminatório: da formação do Ideal do Eu à ação do Supereu

Em *Totem e Tabu* (1913/2012a), Freud utiliza-se de um caso clínico localizado na neurose obsessiva para exemplificar o aspecto ambivalente das relações humanas e o sentimento de culpa resultante dos desejos inconscientes e reprimidos. Os sentimentos de hostilidade oriundos da ambivalência emocional das relações humanas, formam um desejo inconsciente de destruição que não pode ser admitido no consciente (Freud, 1913/2012a). A existência de sentimentos hostis contra um ente querido é suficiente para que o sujeito se culpe pela perda do objeto amado. Na melancolia, as autoacusações, tal como ocorre nas neuroses obsessivas, indicam a existência de desejos e processos inconscientes que justificam esse discurso autorrecriminatório (Freud, 1917/2012b; Edler, 2018). Ao considerar que a ambivalência se intensifica com o rompimento da relação e que o laço que o melancólico estabelece é feito a partir de uma escolha objetual com base narcísica (Freud, 1917/2012b; Edler, 2018; Kehl, 2012; Teixeira, 2012), pode-se compreender a origem do processo de retorno dos sentimentos hostis para o Eu.

Acerca da agressividade contida nas posições sádicas e masoquistas, Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), aponta uma articulação entre a agressividade com teor sexual, presente nessas posições, com a fase oral-canibalesca, indicando que “(...) essa agressividade mesclada ao instinto sexual é um vestígio de apetites canibalescos, ou seja, uma contribuição do aparelho de apoderamento” (p. 53). Na mesma direção, afirma que “(...) toda dor, em si, já contém a possibilidade de uma sensação de prazer” (Freud, 1905/2016, p. 53). Nesse sentido, tanto o sadismo quanto o masoquismo estão baseados numa economia libidinal que gera prazer ao sujeito, mesmo que ele esteja posicionado como aquele que é subjugado. Tania Rivera (2012), em resenha à edição de *Luto e melancolia* (1917/2012b), defende que existe um deleite nas manifestações autodepreciativas e autodestrutivas do sujeito melancólico. No mesmo sentido, Teixeira (2012) afirma que “(...) o automartírio prazeroso do melancólico significa a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto que, pela via da identificação, se voltaram contra a própria pessoa” (p. 195). Freud (1905/2016) aponta que a posição sádica pode levar o sujeito ao “(...) vínculo exclusivo da satisfação com a subjugação e o mau tratamento desse objeto” (p. 52). No entanto, é necessário pontuar, conforme indicado anteriormente, que na melancolia coexistem dois movimentos: sadismo e masoquismo. Há, na melancolia, uma satisfação sádica ao punir o objeto identificado e, ao mesmo tempo, há uma satisfação masoquista no sofrimento causado a si mesmo ao atacar o objeto perdido que, a partir da identificação e da introjeção, passa a fazer parte do Eu. “Diante das dores, da satisfação em infringi-la e em recebê-las, masoquismo e sadismo entram em cena na melancolia” (Clara, 2007, p. 139). Com base nessas considerações, pode-se afirmar que é através do movimento autodestrutivo que o melancólico se satisfaz.

Sobre o processo de identificação, importante elemento para a compreensão da afecção melancólica (Edler, 2018; Kehl, 2012; Peres, 2012; Teixeira, 2012), Freud (1917/2012b, p. 63) afirma:

(...) a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal.

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1921/2020), encontra-se a ideia de que a identificação “(...) pode tornar-se expressão tanto da ternura quanto do desejo de eliminação” e que, além disso, “ela conduz-se como um derivado da primeira fase *oral* da organização libidinal, na qual o objeto cobiçado e apreciado foi incorporado através do ato de comer e assim foi aniquilado como tal (p. 178, grifo do autor). A fase oral da organização sexual é especialmente narcísica, posto que a libido objetual se volta para o Eu através da introjeção e identificação com o objeto. Se o objeto foi devorado e identificado, não é de se estranhar que no discurso do melancólico encontram-se elementos que apontam uma referência ao objeto perdido, distanciando-se das características do sujeito que fala.

A partir da identificação com o objeto, escolhido por bases narcísicas (Freud, 1917/2012b; Teixeira, 2012), o sujeito toma para si o que era do objeto ou o que pensava acerca do objeto, além de reverter os sentimentos antes direcionados a ele para o próprio Eu. O fato de o sujeito fazer menção direta a si e não perceber que tais atributos pertencem ao objeto perdido, é resultado do caráter inconsciente desses processos (Edler, 2018; Peres, 2012). Apesar de as defesas manterem os conteúdos reprimidos afastados do consciente, as características que o sujeito afirma como suas são, nitidamente, pertencentes ao objeto que foi identificado. Se, tal como pontuou Freud (1913/2012a), os membros de povos primitivos realizavam a refeição totêmica para possuir as características do objeto totêmico, o melancólico introjeta o objeto perdido para reverter a perda e para mantê-lo em si (Teixeira, 2012), mesmo que o custo seja a culpa e a autodestruição.

Para uma melhor compreensão acerca da escolha objetual, vale recuperar a exposição feita por Freud em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010a). O psicanalista afirma que existem dois tipos de escolha de objeto: do tipo narcísico e do tipo de apoio. O autor resume os dois da seguinte maneira: no tipo narcísico, a pessoa realizaria a escolha de objeto conforme “(a) o que ela mesma é (a si mesma), (b) o que ela mesma foi, (c) o que ela mesma gostaria de ser” e “(d) a pessoa que foi parte dela mesma” (1914/2010a, p. 36). No tipo de apoio, a escolha seria realizada a partir de “(a) a mulher nutriz” e “(b) o homem protetor e a série de substitutos que deles derivam” (Freud, 1914/2010a, p. 36).

Em *Luto e melancolia* (1917/2012b, p. 61-63), ao tentar explicar a contradição encontrada no processo de identificação narcísica com o objeto perdido, a saber, “(...) forte fixação no objeto de amor(...)” e a “(...) pequena resistência do investimento objetual”, Freud

afirma que “essa contradição parece requerer que a escolha de objeto tenha sido feita sobre uma base narcísica, de modo que o investimento objetual possa regredir para o narcisismo se se defrontar com dificuldades” (p. 63). A consequência de uma escolha sob base narcísica é a de que frente a uma decepção, o sujeito regride para o narcisismo, direcionando a libido para o Eu (Freud, 1914/2010a).

Ainda no ensaio de 1917, Freud (1917/2012b, p. 63) afirma que a substituição do amor objetual pela identificação narcísica “corresponde naturalmente à regressão de um tipo de escolha de objeto para o narcisismo originário”. No texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2010a), o psicanalista assevera que, para que o investimento amoroso possa se dar de forma saudável, é necessário que esse movimento esteja de acordo com os interesses do Eu, pois ao contrário ocorreria uma repressão na libido. Freud escreve:

No primeiro caso (em que a utilização da libido é sintonizada com o Eu), amar é visto como qualquer outra atividade do Eu. O amar em si, enquanto ansiar, carecer, rebaixa o amor-próprio, e ser amado, eleva-o novamente. Sendo a libido reprimida, o investimento amoroso é sentido como grave diminuição do Eu, a satisfação amorosa é impossível, o reenriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando a libido dos objetos. O retorno da libido objetual ao Eu, sua transformação em narcisismo, representa como que um amor feliz novamente e, por outro lado, um real amor feliz corresponde ao estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra. (1914/2010a, p. 47-48)

11

Levando em consideração o excerto transcrito acima, pode-se questionar: teria havido alguma repressão específica na história libidinal do sujeito melancólico para que diante da decepção ou da tentativa de investimento amoroso, a libido objetual retornasse ao Eu?

Retornando a uma das proposições basilares da psicanálise, qual seja, que o encontro com o objeto é, em verdade, um reencontro (Freud, 1924/2011), pode-se postular, a partir das leituras realizadas até o momento, que o rompimento do sujeito melancólico com o objeto é a repetição de uma falha relacional ocorrida nos primeiros momentos de seu desenvolvimento (Kehl, 2012; Peres, 2012). Além disso, tal como afirmam Edler (2018) e Teixeira (2012), a regressão para a fase oral-canibalesca é uma maneira que o psiquismo do sujeito dispõe para manter o objeto e não ter que perdê-lo completamente, visto que se estabeleceu uma relação de dependência com o objeto. Ao dispor dos processos inconscientes de introjeção e de identificação narcísica, o sujeito introjeta e identifica-se com o objeto perdido, transformando-se no próprio objeto. Esse processo assemelha-se ao que é encontrado na célula narcísica, na qual não há uma separação e diferenciação entre o objeto e o bebê, sendo o primeiro uma extensão do segundo. Nessa fase, o sentimento de ambivalência é intenso e a relação transcorre entre devorar o que é bom e expelir o que é indesejável (Teixeira, 2012). Tendo em vista que a escolha objetual efetuada pelo melancólico

é do tipo narcísico, formado por laços frágeis, quando o sujeito se depara com qualquer ameaça ou rompimento da relação estabelecida com o objeto, ocorre uma regressão ao estado narcísico (Freud, 1917/2012b).

Ademais, na identificação narcísica com o objeto perdido e a consequente anulação da diferenciação entre Eu e Objeto, entra em cena uma importante discussão dentro do campo psicanalítico, qual seja, a questão da alteridade. Segundo Clara (2007), na melancolia o outro existe apenas como objeto que faz parte do próprio Eu, não como objeto separado e diferenciado do Eu. Isso ocorre, de acordo com o autor, por conta da identificação narcísica e da introjeção do objeto, pois, nesse caso, o melancólico extrai do objeto seu eu ideal, um espelho do qual depende para ter alguma unidade de si mesmo. Sem o objeto, o ideal do eu do melancólico é comprometido. Por isso que há a recusa de abrir mão do objeto, pois abrir mão do objeto também é abrir mão de uma parte essencial de si mesmo. Na melancolia, como a escolha de objeto foi realizada por uma base narcísica, o objeto tem a função de compor uma imagem que não foi bem constituída no desenvolvimento psíquico.

Num movimento narcísico de evitamento da dor, de recusa da castração e da tentativa de sustentação de sua unidade, ele se fecha ao campo do outro não o reconhecendo e se fecha para a possibilidade futura de também se tornar outro. Ele se fecha ao ideal do eu (Clara, 2007, p. 145).

12

Se considerarmos o apontamento de Laplanche e Pontalis (2001) acerca da escolha objetual do tipo narcísico, no qual o que se destaca é a escolha a partir daquilo que já fez parte da própria pessoa, denotando que essa escolha é uma tentativa de reencontro com o que não era separado do *infans*, pode-se postular que a regressão sofrida pelo melancólico e que o leva a realizar a identificação narcísica com o objeto perdido, se refere a uma relação amorosa que teve que ser renunciada, aquela em que sujeito e objeto eram uma mesma coisa, sem diferenciação⁴ (Freud, 1914/2010a). A partir disso, supõe-se que tenha havido algum evento na história libidinal do sujeito, especificamente entre o autoerotismo e o narcisismo primário, para que a libido sofresse uma repressão e se instalasse uma impossibilidade de amar, apesar de sua necessidade (Peres, 2012). Essa hipótese permite-nos também conjecturar a causa da impossibilidade de elaboração da perda, característica da melancolia.

A psicanalista Maria Rita Kehl (2012) afirma que uma perda ocorrida no início da vida do sujeito, especificamente na formação do Eu, teria deixado ressonâncias na constituição

⁴ No entanto, se faz necessário pontuar que a questão do narcisismo primário é um tópico controverso dentro do campo psicanalítico, especialmente por adentrar a discussão acerca da existência ou não de uma relação de objeto no narcisismo primário (Quinodoz, 2007). No presente trabalho, limitar-nos-emos a expor apenas a expressão dos ataques do eu a si próprio, aludindo a uma não diferenciação entre Eu e objeto por conta dos processos de identificação narcísica e de introjeção, os quais resultam em um conflito entre os componentes ideais do Eu e a severidade do Supereu em relação ao Eu (Teixeira, 2007).

subjetiva do melancólico: “Nesse ponto da constituição psíquica, Freud haverá de encontrar, em 1915, a relação narcísica com um objeto frustrante que marca a estrutura da melancolia” (p. 17). Ainda sobre a questão, aponta que “a desesperança no melancólico, por exemplo, tem a ver com o fato de o Outro, em sua primeira versão imaginária (materna), não ter conferido ao recém-nascido um lugar em seu desejo” (Kehl, 2015, p. 21). Para que a criança consiga construir uma primeira imagem de si, do próprio corpo, fundamental para a emergência do Eu e para o narcisismo, é necessário que haja um olhar que compareça e que ofereça uma forma a essa imagem. Peres (2012, p. 124), por sua vez, pontua que “a melancolia é uma ‘afecção do narcisismo’, o que pode ser traduzido como um comprometimento decorrente do encontro primitivo com o Outro, do vínculo originário, fundador”. Ainda sobre essa questão, a autora afirma que

Pensar as melancolias a partir da hipótese do ponto originário de nossa constituição pode ajudar a perceber a gravidade do desespero que nos é transmitido por uma pessoa imersa na angústia aterradora que a paralisa frente à vida, como se estivesse a vislumbrar, sentir e escutar sempre o ‘nada’ que foi devolvido a seus apelos precoces. Não é por acaso que o atirar-se no vazio do espaço é uma das formas de suicídio escolhida pelos melancólicos (Peres, 2012, p. 127).

13

Ao localizar a questão na clínica psicanalítica, Peres (2012) defende que, sobre a melancolia, pode-se indicar com certa segurança a fixação narcísica como seu fator determinante, visto tratar-se de uma neurose narcísica. Para além disso, as postulações só podem ser feitas a partir da escuta de cada ser falante em sua singularidade. É por meio da escuta do discurso do melancólico que se podem desenvolver formulações teóricas e clínicas.

Melancolia como neurose narcísica: a tensão entre os componentes ideais do Eu e as exigências do Supereu

Em *Luto e melancolia* (1917/2012b), o quadro psicogênico da melancolia era situado entre as neuroses narcísicas, às quais estavam incluídas a demência precoce e a paranoia (Teixeira, 2007). No entanto, em *Neurose e Psicose* (1924/2016a, p. 275), Freud destaca a melancolia das psicoses, afirmando que “(...) a neurose de transferência corresponde ao conflito entre o Eu e o Isso; a neurose narcísica, a um conflito entre o Eu e o Supereu; a psicose, a um conflito entre o Eu e o mundo exterior”. Teixeira (2007) explicita que essa reformulação teórica de Freud, definindo a melancolia como uma neurose narcísica, separada das psicoses, possibilita que o quadro melancólico seja definido como “um problema neurótico, no qual a questão essencial centra-se nos elementos narcísicos e ambivalentes que constituem a mente humana” (p. 69-70). Garcia-Roza (2008) aponta que a noção de identificação narcísica explorada em *Luto e melancolia*, é uma das maiores

contribuições do artigo para o entendimento acerca do narcisismo, conceito fundamental na construção da metapsicologia e dos trabalhos posteriores de Freud.

Na primeira tópica freudiana, a metapsicologia baseia-se nos aspectos dinâmicos, econômicos e topológicos dos sistemas Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente (Garcia-Roza, 2008). Na segunda tópica, a metapsicologia é reformulada e as instâncias psíquicas passam a ser representadas pelo Eu, Supereu e Id. O Supereu é o equivalente ao que Freud chamava, na primeira tópica, de instância crítica, elemento privilegiado na caracterização da melancolia. Ao considerar que a melancolia é uma neurose narcísica, na qual o conflito está localizado entre o Eu e o Supereu, faz-se necessário apreciar a instância superegoica para compreender a sua função na dinâmica narcísica e, especialmente, na melancolia.

Um dos caminhos que podem levar à compreensão da ação do Supereu na afecção melancólica é a relação entre as instâncias egoicas, mais especificamente, a relação entre o Eu e o Ideal do Eu. Na melancolia, tal como aponta Freud (1921/2020), ocorre um alargamento na distância entre o Ideal do Eu e o Eu, e um agravamento da tensão entre a parte do Eu modificada pela introjeção do objeto perdido e a instância crítica. Ao diferenciar o estado de enamoramento e do processo de identificação, Freud (1921/2020) afirma que no primeiro ocorre uma supervalorização do objeto e um abandono do Eu, enquanto na identificação, ao contrário, o objeto foi perdido ou abandonado, sendo recuperado através da introjeção, modificando o Eu a partir do modelo do objeto identificado. A parte do Eu modificada pelo objeto perdido não só se confunde com ele, mas também é encoberto pela sombra do objeto e é atacado com severidade pela instância crítica (Freud, 1917/2012b, 1921/2020).

14

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020), ao discutir sobre os estados maníaco e melancólico, Freud afirma que na afecção melancólica ocorre uma cisão entre o Eu e o Ideal do Eu, enquanto na mania as duas instâncias se fundem. O resultado da fusão maníaca é uma dissolução do Ideal do Eu e uma elevação egoica, enquanto a cisão ocorrida na melancolia configura uma ação mais incisiva e cruel do Ideal do Eu, causando, por consequência, um empobrecimento no Eu (Freud, 1917/2012b, 1921/2020). O distanciamento dos componentes ideais do Eu e as severas exigências do Supereu na melancolia faz com que o sujeito sinta que não alcançará o ideal e que, portanto, não poderá ser o ideal (Teixeira, 2007), ao contrário do que ocorre na mania.

O Ideal do Eu é formado ao longo do desenvolvimento psíquico, através dos conteúdos introduzidos pelos agentes cuidadores e pelas instituições sociais pertencentes ao contexto em que o sujeito está inserido. Na formação dos ideais estão presentes as normas morais, as crenças, os preceitos culturais etc. A função do Ideal do Eu se refere a uma auto-observação, à consciência moral e à censura onírica, conduzida principalmente pela repressão (Freud, 1921/2020). Em *O Eu e o Id* (1923/2011a), obra na qual Freud efetua uma reformulação acerca das instâncias psíquicas, o Ideal do Eu passa a ser nomeado como Supereu. Essa instância é herdeira do Complexo de Édipo, caracterizada como uma

representante do interdito e das exigências de realização dos ideais culturais, morais e sociais.

Os ideais que são construídos ao longo do desenvolvimento psíquico, influenciados pelo discurso dos agentes cuidadores e pelo discurso social, incitam o sujeito a alcançá-los, mesmo que sejam inatingíveis. A não realização dos ideais gera insatisfação e sentimento de culpa, levando o Eu a um movimento de autculpabilização e de autorrecriação (Teixeira, 2007). Acarreta, além disso, a desvalorização de si e uma falta de sentido generalizado — sobre as relações amorosas, de trabalho, perda de interesse na realização de atividades cotidianas, dentre outras — (Peres, 2010). Ademais, a não satisfação das exigências superegoicas causa um rebaixamento do sentimento de si, sintoma característico da afecção melancólica.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010a) afirma que o amor-próprio é apurado especificamente pela libido narcísica, pois, tal como observa o psicanalista, quem está amando precisa abandonar uma parte do seu narcisismo para investir sua libido no objeto. Será com a correspondência desse amor que ele poderá obter novamente a parte deslocada para o objeto. Ou seja, “o amar em si, enquanto ansiar, carecer, rebaixa o amor-próprio, e ser amado, eleva-o novamente” (Freud, 1914/2010a, p. 47), correspondendo a uma sintonização da utilização da libido com o Eu. Direcionar toda a libido para si mesmo, tal como ocorre na melancolia, pode ser penoso, pois a manutenção do amor-próprio depende, em certa medida, da relação recíproca com o outro. Nos casos em que não há sintonia entre a utilização da libido com os interesses do Eu, a libido é reprimida (Freud, 1914/2010a).

Pode-se postular, portanto, que na melancolia o rebaixamento do amor-próprio é acarretado por dois fatores: uma impossibilidade de investimento objetal por conta da retração da libido para o Eu; e a intensificação das exigências superegoicas. Tal como aponta Freud (1914/2010a), a voz dos agentes cuidadores (pais, educadores, outros membros da família etc.) é constituinte da instância superegoica. Supõe-se, à luz disso, que a escuta e o entendimento das autorrecriações do sujeito melancólico, presentes em seu discurso, podem levar à compreensão dos acontecimentos que se deram ao longo do desenvolvimento infantil e que efetuaram a marca que fixou o sujeito no narcisismo, fazendo com que ele, diante de dificuldades, rupturas e perdas, regrida aos momentos mais precoces de sua subjetivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intentou-se, ao longo deste artigo, realizar uma discussão teórica acerca do ensaio *Luto e melancolia*, centrando-se nos principais elementos que caracterizam a afecção melancólica, a saber, os processos inconscientes de introjeção e de identificação narcísica com o objeto perdido. Além disso, procurou-se evidenciar a presença dos sentimentos de ambivalência e dos impulsos sádicos suscitados pela regressão na fase oral-canibalesca do

desenvolvimento sexual infantil. Pôde-se observar que a ambivalência, o sadismo e o masoquismo são constituintes do discurso autoacusatório apresentado pelo sujeito melancólico. Ademais, a partir da leitura de bibliografia crítica, inferiu-se que as autoacusações proclamadas pelo melancólico referem-se a uma tensão causada pelo distanciamento entre os componentes ideais do Eu e as exigências do Supereu na relação com o Eu (Freud, 1924/2016, 1921/2020). Entende-se que esse distanciamento é ocasionado por dois propulsores: pelo processo de identificação narcísica com o objeto perdido, no qual o sujeito se encara enquanto objeto, e pelo não alcance dos ideais do Eu e o não cumprimento das exigências superegoicas destinadas ao Eu. Em *Luto e melancolia*, Freud (1917/2012b) descreve o melancólico como aquele que, em seu discurso, se declara indigno de qualquer consideração, isto é, incapaz de realizar atividades cotidianas, além da impossibilidade de amar. Nesse sentido, o sujeito avança em um movimento discursivo de auto inferiorização que pode chegar à autoagressão física. Destacou-se que foi a partir da escuta do discurso autorrecriminatório dos sujeitos melancólicos que Freud (1917/2012b) elaborou suas considerações sobre a melancolia, diferenciando-a do processo de luto. Nesse sentido, ressalta-se a importância da escuta clínica para o entendimento dos processos inconscientes, tal como defendeu Freud ao longo de sua obra

16

REFERÊNCIAS

Clara, C. J. S. S. (2007). Melancolia e narcisismo: a face narcísica da melancolia nas relações do eu com o outro. *Mental*, 5(9), 131-150. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000200009&lng=pt&tlng=pt

Edler, S. (2018). *Luto e melancolia: à sombra do espetáculo*. Civilização Brasileira.

Freud, S. (1987). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Imago.

Freud, S. (2010[a]). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2010[b]). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (2010[c]). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (2010[d]). Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Originalmente em 1915).

Freud, S. (2011[a]). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (Vol. 16). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (2012[a]). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (Vol. 11). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (2012[b]). *Luto e melancolia*. Cosac Naify. (Originalmente publicado em 1917).

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (Vol. 5). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (2016[a]). Neurose e Psicose. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão*. Autêntica. (Originalmente publicado em 1924).

Freud, S. (2016[b]). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão*. Autêntica (Originalmente publicado em 1924).

Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica. (Originalmente publicado em 1921).

Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana: artigos de metapsicologia*. (Vol. 3). Jorge Zahar.

Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Companhia das Letras.

Kehl, M. R. (2012). Melancolia e criação. *Prefácio à edição de Luto e Melancolia*. Cosac Naify.

Kehl, M. R. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. Boitempo.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.

Peres, U. T (2012). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In S. Freud, *Luto e Melancolia*. Cosac Naify.

Quinodoz, J-M. (2007). *Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud* (Fátima Murad, trad.). Artmed.

Rivera, T. (2012). Entre dor e deleite. *Novos Estudos: CEBRAP*, (94), 231-237. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000300016>

Teixeira, M. A. R. (2007). *A concepção freudiana de melancolia: elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97640>

Teixeira, M. A. R. (2012). *Das neuroses de transferência às neuroses narcísicas: contribuições aos fundamentos da teoria freudiana da melancolia*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105619?locale-attribute=en>

Recebido em: 05/05/2023

Reapresentado em: 11/07/2023

Aprovado em: 13/07/2023

¹ Graduada no curso de Psicologia (formação de psicóloga) pela Unesp, câmpus de Assis (2017- 2022). Desenvolveu projeto de iniciação científica intitulado "Luto e melancolia: a identificação com o objeto perdido como processo inconsciente de destruição do Eu", no período de 2020 a 2022, com financiamento da FAPESP. Tem experiência na área da Psicologia, com ênfase em psicanálise. Atualmente é psicóloga clínica (CRP: 06/179858). E-mail: edilainesil97@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0745-8682>

² Professor de História e Filosofia da Psicologia na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis. É autor de livros, de pesquisas e de artigos dedicados, principalmente, ao estudo fenomenológico da percepção, da atenção e da corporeidade, e aos seus liames com a análise da cultura contemporânea. E-mail: danilo.verissimo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7981-3877>